



PROJETO AFROCIENTISTA: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO COLUN-UFMA

Carlos Benedito Rodrigues da Silva¹
Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Sociologia e Antropologia, São
Luís, MA, Brasil.

Fernanda Lopes Rodrigues²
Universidade Federal do Maranhão, Colégio Universitário, São Luís, MA, Brasil.

Resumo: Ações desenvolvidas no Projeto Afrocientista - 2022 pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Maranhão- Neab/UFMA no Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão - COLUN-UFMA. Descrição e análise das atividades previstas no Plano de Trabalho do Neab-UFMA, aprovado pela gestão nacional do Projeto e executadas de maio a novembro de 2022. São apresentadas as impressões dos estudantes negros e negras, constantes nos murais digitais que foram produzidos ao longo do Projeto, para registro das considerações, inquietações e percepções dos alunos e alunas. A partir das informações coletadas, foi possível concluir que as ações realizadas possibilitaram o acesso a conhecimentos que contribuíram para uma análise do racismo enquanto estrutura marcante das desigualdades na sociedade brasileira e a importância de acesso ao espaço acadêmico como enfrentamento e superação das desigualdades raciais. Com isso, é possível afirmar que alcançamos os objetivos do Projeto, colaborando no fortalecimento da identidade negra dos estudantes, projetando a crença na capacidade deles de superar desafios e alcançar suas metas, constituindo-se assim em referência positiva em suas comunidades.

Palavras-Chave: Educação; Identidade Negra; Afrocientista.

¹ Graduado em Ciências Sociais. Mestre em Antropologia Social. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professor Associado da Universidade Federal do Maranhão. Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro da UFMA. E-mail: cbr.silva@ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2522-9114>

² Licenciada em Pedagogia. Mestra em Educação. Professora do Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro da UFMA. E-mail: fernanda.lr@ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4881-0689>



AFROCIENTIST PROJECT: AN ANTI-RACIST EDUCATION EXPERIENCE AT COLUN-UFMA

Resume: Actions developed in the Afrocientist Project - 2022 by the Nucleus of Afro-Brazilian Studies of the Federal University of Maranhão- Neab/UFMA at the University College of the Federal University of Maranhão - COLUN-UFMA. Description and analysis of the activities foreseen in the Neab-UFMA Work Plan, approved by the national management of the Project and carried out from May to November 2022. The impressions of black male and female students are presented, contained in the digital murals that were produced throughout the Project, to record the considerations, concerns and perceptions of male and female students. From the information collected, it was possible to conclude that the actions carried out enabled access to knowledge that contributed to an analysis of racism as a striking structure of inequalities in Brazilian society and the importance of access to the academic space as a means of confronting and overcoming racial inequalities. With this, it is possible to state that we reached the objectives of the Project, collaborating in strengthening the black identity of the students, projecting the belief in their ability to overcome challenges and reach their goals, thus becoming a positive reference in their communities.

Key words: Education; Black Identity; Afroscientist.

PROJET AFROSCIENTIFIQUE: UNE EXPERIENCE D'ÉDUCATION ANTIRACISTE AU COLUN-UFMA

Résumé: Des actions développées dans le Projet Afrocientiste - 2022 par le Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Centre d'Études Afro-Brésiliennes) de l'Université Fédérale du Maranhão - Neab/UFMA, au Collège Universitaire de l'Université Fédérale du Maranhão - COLUN-UFMA. Description et analyse des activités prévues dans le Plan de Travail Neab-UFMA, approuvé par la direction nationale du Projet et réalisé de mai à novembre 2022. On présente les impressions des étudiants noirs qui ont été produites tout au long du projet, pour enregistrer les considérations, les préoccupations et les perceptions de ces étudiants. À partir des informations recueillies, il a été possible de conclure que les actions menées ont permis d'accéder à des connaissances qui ont contribué à une analyse du racisme en tant que structure frappante des inégalités dans la société brésilienne et de l'importance de l'accès à l'espace universitaire comme moyen d'affronter et surmonter les inégalités raciales. Avec cela, il est possible d'affirmer que nous avons atteint les objectifs du Projet, en collaborant au renforcement de l'identité noire des étudiants, en projetant la croyance en leur capacité à surmonter les défis et à atteindre leurs objectifs, pour qu'ils deviennent une référence positive dans leurs communautés.

Mots clés: Éducation; Identité Noire; Afroscientifique.

PROYECTO AFROCIENTÍFICO: UNA EXPERIENCIA DE EDUCACIÓN ANTIRRACISTA EN EL COLUN-UFMA



Resumen: Acciones desarrolladas en el Proyecto Afrocientista - 2022 por el Núcleo de Estudios Afrobrasileños de la Universidad Federal de Maranhão- Neab/UFMA en el Colegio Universitario de la Universidad Federal de Maranhão - COLUN-UFMA. Descripción y análisis de las actividades previstas en el Plan de Trabajo Neab-UFMA, aprobado por la dirección nacional del Proyecto y realizado de mayo a noviembre de 2022. Proyecto, para registrar las consideraciones, preocupaciones y percepciones de los estudiantes. A partir de la información recolectada, fue posible concluir que las acciones realizadas posibilitaron el acceso al conocimiento que contribuyó al análisis del racismo como estructura llamativa de las desigualdades en la sociedad brasileña y la importancia del acceso al espacio académico como medio de confrontación y superación de las desigualdades raciales. Con esto, es posible afirmar que alcanzamos los objetivos del Proyecto, colaborando en el fortalecimiento de la identidad negra de los estudiantes, proyectando la creencia en su capacidad para superar desafíos y alcanzar sus metas, convirtiéndose así en un referente positivo en sus comunidades.

Palabras clave: Educación; Identidad Negra; Afrocientífico.

INTRODUÇÃO

Este artigo relata as ações desenvolvidas no Projeto Afrocientista - 2022 pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Maranhão- Neab/UFMA no Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão- COLUN-UFMA.

Criado em 2018, pela Associação Brasileira de Pesquisadores e Pesquisadoras Negros/as-ABPN, o Projeto Afrocientista tem como objetivo “despertar a vocação científica e incentivar talentos entre estudantes negros e negras de baixa renda, matriculados em escolas de ensino médio, mediante sua participação em atividades de pesquisa científica ou tecnológica. Com financiamento do Instituto Unibanco, o Projeto é desenvolvido pelos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros – Neabs; Neabis e entidades correlatas” (ABPN, 2018,s.p.) ligados às Universidades e Institutos federais das diversas regiões brasileiras.

Além de coordenadores e coordenadoras dos respectivos Núcleos selecionados, a execução do Projeto envolve a participação de bolsistas de graduação, bolsistas da educação básica, gestores/as das escolas e professores/as vinculados/as às escolas parceiras. Ou seja, a implementação do Projeto em cada instituição decorre de um processo colaborativo e coletivo, em que todos os sujeitos acima assinalados exercem um papel de grande importância para sistematizar e executar os planos de trabalho, considerando as especificidades locais/regionais onde as instituições estão localizadas.



O projeto visa cumprir as determinações da Lei nº 10.639/2003, dando protagonismo aos Neab's e entidades correlatas, na concretização da educação antirracista, contribuindo para o estreitamento das relações das universidades com a sociedade em geral.

O artigo consta da descrição e análise das atividades previstas no Plano de Trabalho do Neab-UFMA, com ciência da gestão nacional do Projeto, e executadas de maio a novembro de 2022. Ao longo do texto são apresentadas as impressões dos estudantes negros e negras disponíveis nos Murais digitais³, que foi produzido ao longo do projeto, para registro das considerações, inquietações e percepções dos alunos quanto aos temas abordados e atividades desenvolvidas.

POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS, UM PROJETO DE ESCOLA E O AFROCIENTISTA

De modo sucinto, a Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003, s.p.): 1. Atendeu reivindicações históricas da população negra; 2. Colaborou para a institucionalização das políticas de ações afirmativas e de combate ao preconceito, racismo e discriminação racial; 3. Estimulou alternativas concretas para tornar a escola um espaço de respeito, valorização e reconhecimento da diversidade étnico-racial; 4. Proveu elementos legais para diálogos mais efetivos, quanto à proposição da educação para as relações étnico-raciais, incidindo sobre a missão da escola, objetivos educacionais, fundamentos sociais, bem como concepções pedagógicas e práticas de ensino; 5. Estimulou debates sobre a formação de professores/as qualificados/as para implementação da Lei 10.639/03 na Educação Básica, refletindo em propostas curriculares de cursos de licenciatura, bem como de pós-graduação, entre outros (Pereira, 2011, s.p.; Dias, 2005; Coelho *et al*, 2014 s.p; Gomes; Jesus, 2013 s.p).

Como resultado da crescente inclusão de grupos minoritários no espaço acadêmico, oportunizados, entre outros, pelas Políticas de Ações Afirmativas na Educação Superior, constatamos que, nos últimos anos, as questões étnico-raciais se

³ Disponíveis nos links:

Mural digital 1 <https://padlet.com/amiltonapm/s7axkpoi7bi6y5>

Mural digital 2 <https://padlet.com/amiltonapm/n6kwtem2x9eextom>

Mural digital 3 <https://padlet.com/amiltonapm/aczobg6y7vrnu3>



inseriram em um debate caloroso. Não estamos mais tratando de sua relevância, necessidade ou legalidade. Estamos abordando, entre outros: formas de efetivação, avaliação de práticas, implicações sociais, acadêmicas e políticas e como os/as profissionais da educação têm reagido a tudo isso.

Ora, o Parecer CNE/CP 3/2004 (Brasil, 2004, s.p.) é categórico ao destacar o papel dos diferentes sujeitos para implementação da Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003, s.p.), apontando alternativas às escolas, para o estabelecimento das parcerias que tornem viável a concretização da educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira.

Consideramos que, para alcançar tal objetivo, são necessários a escuta e o diálogo com os sujeitos envolvidos no debate das questões étnico-raciais no Brasil, os quais, ao longo dos anos, têm assumido o protagonismo do pensar e concretizar ações educacionais voltadas para o enfrentamento e superação do racismo, na construção de uma sociedade onde a diversidade étnico-racial seja respeitada, reconhecida e valorizada.

Esses sujeitos são os movimentos sociais negros, quer seja no contexto da educação formal ou informal, bem como os Neab's e grupos correlatos que, dentro das Universidades enfrentam o racismo acadêmico, desbravam territórios e elaboram novas epistemologias, ocupando o papel de sujeitos protagonistas do conhecimento.

Uma coisa é certa: se não fosse a luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização-com todas as tensões, os desafios e os limites – muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido. E muito do que hoje se produz sobre a temática racial e africana, em uma perspectiva crítica e emancipatória, não teria sido construído. E nem as políticas de promoção de igualdade racial teriam sido construídas e implementadas (Gomes, 2017, p. 18)

A atuação dos/as intelectuais negros e negras nas instituições de ensino superior, é indispensável para efetivação da educação antirracista e combate ao racismo estrutural, conceito em que se compreende o racismo enquanto processo histórico e político que cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam sistematicamente discriminados.

Ou seja, pensar o racismo como parte da estrutura, não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um alibi para os racistas. Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos



torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo (Almeida, 2018, p. 38)

Nas últimas décadas, essa intelectualidade negra vem construindo um referencial teórico-metodológico assentado em um compromisso político com a denúncia do racismo, bem como do preconceito e da discriminação racial, forjando um modo diferenciado de produção de saberes em um espaço, historicamente, elitista, racista e misógino. Tal compromisso político está assentado na ideia de que “a universidade ainda é o local do novo conhecimento, ou simplesmente do conhecimento, pois o garimpo do saber antigo não valeria uma hora de pena, se não apontasse para o diagnóstico das vicissitudes do presente e para os lances do futuro” (Gianotti, 1986. p. 67).

Esse protagonismo é reconhecido no texto do Parecer CNE/CP nº 3/2004, que estabelece a necessidade de diálogo com os movimentos sociais negros, bem como com estudiosos que vem contribuindo, em suas produções, com importantes análises sobre as realidades educacionais e apresentando propostas para implementação de uma educação antirracista. Tais diálogos são indispensáveis “para que se vençam discrepâncias entre o que se sabe e a realidade, se compreendam concepções e ações, uns dos outros, se elabore projeto comum de combate ao racismo e a discriminações” (Brasil, 2004, p. 6).

O diálogo entre as escolas e esses grupos deve partir do respeito recíproco, considerando tanto a *expertise* dos grupos, quanto a autonomia dos estabelecimentos de ensino e os conhecimentos dos sujeitos que, cotidianamente, vivenciam a escola, em suas múltiplas contradições. Com isso, espera-se que os estabelecimentos de ensino sejam capazes de encontrar formas próprias para abordagem da educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em suas vivências.

Sabemos que o enfrentamento e superação do racismo, bem como das desigualdades, não são de competência exclusiva da escola. Mas, por conta de sua função social, atrelada à concretização de um projeto de educação e de sociedade na a qual está inserida, é indispensável que elas assumam a dianteira nesse embate.

Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos



grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários (Brasil, 2006, p. 236).

Tal compreensão do papel da escola é estrutural na proposta pedagógica do projeto Afrocientista, que se sustenta em três pilares: iniciação às práticas da ciência; instrumentalização sobre o fazer ciências e; formação para a cidadania e mobilização social.

Estamos falando sobre a proposição de uma pedagogia afrocentrada, que compreende ser necessário que nossos alunos negros e alunas negras se apropriem do conhecimento historicamente produzido, mas não sem reconhecer como a produção desses conhecimentos passa por um viés racializado e, até racista, ao negar o papel de sujeito do povo negro, invisibilizado nessa produção. Trata-se de qualificá-los para produzir conhecimentos, com a plena convicção de que a ciência não é neutra e, por vezes, tende a reproduzir um único modo de ser, estar e conhecer o mundo, excluindo outras possibilidades (Ribeiro, 2019). Afinal:

A ciência é apenas um produto cultural do intelecto humano que responde a necessidades coletivas concretas – inclusive àquelas considerações artísticas, sobrenaturais e extra científicas – e também aos objetivos específicos determinados pelas classes sociais dominantes em períodos históricos preciosos (Fals Borda, 1981, p. 43).

Reconhecendo isso, é possível trilhar novos caminhos que tirem da invisibilidade outros modos e meios de se produzir ciência, como forma de descolonização do conhecimento, combatendo o epistemicídio que tem sido praticado nas escolas e nas instituições de ensino superior, com a imposição de um “padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado” (Quijano, 2005, p. 126). Padrão que assume uma posição proeminente nas relações de poder, marginalizando conhecimentos e sujeitos que não se encaixam no padrão eurocolonial do “homem/heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista/europeu” (Grosfoguel, 2008, p.113).

Espera-se que esses alunos e alunas não apenas se apropriem dos conhecimentos, mas sejam capazes de re-elaborá-los e de produzir novos conhecimentos, em uma perspectiva decolonial, afrocentrada. Trata-se de um esforço para garantir que esses alunos e alunas aprendam sobre os nossos e sejam capazes de se perceberem enquanto



capazes de produzir, reinventar, criar outros conhecimentos. Ou seja, nossos afrocientistas podem e devem olhar para seu futuro e se visualizar nesse papel de quem faz Ciência.

Importa ressaltar que, em sua terceira edição, o Projeto Afrocientista se deparou com novos desafios. De início, enfrentamos o cenário, ainda desconhecido, do ensino remoto, enquanto alternativa para viabilizar a educação escolar no contexto da pandemia do COVID 19. Logo, em seguida, professores, alunos e gestão estiveram empenhados em reconstruir as escolas e as frágeis relações interpessoais nesse “novo normal”, marcado por dor, ausências e esperança. Foi nesse contexto que os doze núcleos de diferentes estados se desdobraram para executar a proposta do Projeto, optando por atividades síncronas e assíncronas, adaptando-o às especificidades de cada escola.

No Maranhão, o Projeto foi executado pelo Neab/UFMA no COLUN-UFMA. Participaram: um aluno bolsista da Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros da UFMA, bem como alunos bolsistas regularmente matriculados em turmas de ensino médio do COLUN. A gestão local do Projeto coube ao Coordenador do Neab/UFMA.

O acompanhamento da execução do projeto, pela gestão nacional, se deu através de reuniões virtuais com o COLUN-UFMA e os bolsistas (ora com o bolsista de graduação e, em alguns momentos, com os da educação básica), a fim de garantir uma maior articulação entre as diferentes instâncias do Projeto Afrocientista. Para além de uma dimensão estritamente burocrática, tais reuniões propiciaram novos conhecimentos e trocas de experiências entre bolsistas de diferentes instituições.

No próximo capítulo trataremos das questões específicas da execução do projeto no COLUN-UFMA.

A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS DO COLUN-UFMA

A coordenação do projeto Afrocientista no COLUN-UFMA foi de competência do Prof. Carlos Benedito Rodrigues da Silva, coordenador do Neab-UFMA. Colaboraram com ele, dois representantes da escola: Prof. Thiago Lima dos Santos, Coordenador de Projetos, Pesquisa e Extensão (COPPEX) e a Profa. Fernanda Lopes Rodrigues, Coordenadora de Ensino Fundamental e integrante do Neab-UFMA. Além deles, o aluno



da Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros, Amilton Pinheiro Melo, atuou como bolsista de graduação.

O Neab-UFMA foi fundado em 1985, por iniciativa de estudiosos dessa Universidade, visando aglutinar profissionais de diferentes áreas do conhecimento que já realizavam, embora com iniciativas isoladas, estudos e pesquisas sobre a população negra no estado.

Ao longo dos anos, o Neab-UFMA tem se constituído em importante referência para tratar de questões envolvendo racismo, cotas raciais, intolerância religiosa, cultura negra e outros temas, tanto em nível local quanto nacional, na condição de integrante do Consórcio Nacional de Neab's, Neabi's e grupos correlatos.

O Neab-UFMA fez parte das três edições do Projeto Afrocientista. Na edição de 2019, desenvolvemos as atividades na Escola Gonçalves Dias e Estado do Pará e, em 2021, na Escola Prof. Luiz Alvez Ferreira.

Em 2022, o Núcleo firmou parceria com o Colégio Universitário da UFMA, inserindo alunos e alunas de turmas de ensino médio como bolsistas de educação básica. O interesse em executar o Projeto sustentou-se na compreensão de que ele possibilitaria o fortalecimento do Neab-UFMA, ao aproximar suas atividades com a educação básica, principalmente com sua atuação em uma escola localizada em uma área de grande concentração de estudantes negros e empobrecidos da cidade de São Luís. Outra contribuição do projeto foi a produção de conhecimento sobre estudantes negras/os, ampliando os espaços de atuação e as contribuições do Neab-UFMA. Por fim, ao inserir um estudante da Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiro e membro do Neab, na condição de bolsista, o projeto auxiliou em sua formação para atuar como professor, pesquisador e ser humano crítico, reflexivo e propositivo.

O COLUN-UFMA é um dos dezessete colégios de aplicação (CAP's) do país. Historicamente, os CAP's têm se consolidado enquanto instituições formativas, concretizando o tripé ensino-pesquisa-extensão. Ainda que, por vezes, seja criticado seu caráter elitista, ao longo dos últimos anos tem se movimentado para democratizar-se, beneficiando a grupos menos favorecidos. Por estarem vinculados às universidades, aos CAP's tem sido possível oferecer propostas educativas de qualidade, obtendo êxito considerável nas avaliações nacionais da educação. Não sem motivos, os CAP's tendem a ser considerados "ilhas de excelência" no universo da educação pública brasileira.

O COLUN-UFMA é uma instituição pública de ensino sob a guarda e regulação



legal, administrativa e pedagógica da UFMA. Está instalado no Campus Dom Delgado, Cidade Universitária da UFMA. Oferece turmas de 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio (regular e Técnicos Integrados em Meio Ambiente e Administração), além do Curso Técnico em Enfermagem, na modalidade subsequente.

Um diferencial do COLUN-UFMA em relação às demais escolas da rede pública está no fato de contar com melhor infraestrutura, ter mais atrativos na composição do quadro docente (salários acima da média, regime de dedicação exclusiva, plano de cargos e carreiras mais atraente, entre outros), como também na proposta pedagógica inovadora por concretizar o tripé ensino-pesquisa-extensão e se constituir em campo de estágio, pesquisa e experimentação.

Essa conjuntura faz do COLUN-UFMA uma escola de grande interesse, tanto de alunos oriundos da rede pública, quanto da rede particular de ensino. O que torna os processos seletivos para acesso extremamente concorridos. Ali, estudantes oriundos das classes populares vislumbram tanto a oportunidade de ingresso nos cursos superiores, quanto de uma melhor qualificação para inserção no mundo do trabalho.

A Cidade Universitária, onde o COLUN-UFMA está instalado, fica na área Itaqui-Bacanga, uma das maiores regiões de São Luís, constituída por 60 bairros e cerca de 200 mil pessoas. A maioria desses bairros surgiu da ocupação irregular do território e, historicamente, carece de condições dignas de saneamento básico, saúde, educação e moradia. O estigma associado a um histórico de violência, que é decorrente da extrema desigualdade social daquela comunidade, tem sido confrontado com os esforços para dar visibilidade à riqueza cultural, gastronômica, turística e religiosa expressa pelos moradores (ACIB, 2007, s.p.).

Por conta de todos esses fatores, o perfil do alunado do COLUN-UFMA é de alunos, na grande maioria, negros e de baixa renda, que adentram a escola com o sonho de progredir nos estudos em uma escola que colaborará para que superem os diversos obstáculos educacionais e adentrem o ensino superior. O fato de poderem participar das atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como conviverem com alunos e alunas dos cursos de Graduação, nas diversas atividades que a escola realiza, favorece para que as expectativas quanto à continuidade dos estudos se mantenha alta.

Questões que foram consideradas quando da indicação da escola para implementação do Projeto Afrocientista - 2022. Com isso, o Neab-UFMA selecionou oito



alunos negros e negras⁴, matriculados em turmas de ensino médio da escola, para participarem como bolsistas. Foram eles: Ana Maria dos Passos Rodrigues, Edila Rayssa Mendes Braga, Juan Carlos Leite da Silva, Maria Eduarda de Almeida Carvalho, Quéren Hadassa Abreu Almeida, Sara Raquel Ribeiro Pires, Silas Emanuel Melo Nunes e Tiago Medeiros Lima.

A metodologia utilizada constou de encontros presenciais, quinzenalmente, na sala do Neab-UFMA ou nas dependências do COLUN-UFMA, no turno matutino, oposto aos das turmas em que os alunos e alunas estudavam.

Sabendo que o trabalho com adolescentes demanda adequações metodológicas, de modo a tornar o momento mais leve e a aprendizagem mais significativa, optamos por organizar a rotina da seguinte forma: estudo teórico; exibição de material áudio-visual; produção discente (Mural digital⁵); apresentação das produções; contribuições da coordenação.

Um diagnóstico inicial, por meio de diálogos, demonstrou que, de modo geral, os alunos e alunas tinham pouca compreensão das questões étnico-raciais, ainda que tivessem participado de discussões ao longo de sua vida escolar, seja como conteúdo programático das disciplinas cursadas, seja em atividades desenvolvidas pela escola para implementação da Lei nº 10.639/2003.

Por conta disso, em diálogo com os representantes da escola e o bolsista de graduação, optamos por iniciar as atividades com a leitura e discussão de textos que tratassem de conceitos básicos no estudo da questão racial, cuja ordem de realização foi exatamente a da descrição feita a seguir.

Após os primeiros encontros com os alunos, representantes da escola e familiares, para alinhar e apresentar a proposta, começamos as reuniões de estudo. Para introdução do tema, os alunos assistiram a gravação da primeira palestra proferida por Chimamanda Ngozi Adichie no TED Talk, em 2009, com o título. “Perigo de uma história única” (Adichie, 2009, s.p.).

A palestra trata de nossa percepção sobre outros povos, pessoas e culturas, em uma reflexão acerca do processo de construção do conhecimento e as implicações daquilo

⁴ A aluna Michelle Serra Lima foi substituída por Ana Maria dos Passos Rodrigues, pois optou por participar de cursinho pré-vestibular e os horários coincidiam com as atividades do projeto.

⁵ Uma das proposições da gestão nacional do Projeto Afrocientista é a produção de um Boletim para divulgação das atividades. Optamos por fazer isso de modo digital por meio de um Mural que foi divulgado junto à escola, para conhecimento da comunidade escolar.



que escutamos na representação que fazemos desses povos, pessoas e culturas.

Após a exibição do vídeo, os alunos colocaram suas impressões, destacando como a insuficiência das versões que ouviram colaboraram para uma percepção limitada de determinados assuntos. Pontuaram, ainda, ser indispensável romper com tal limitação, ampliando o número de narrativas e visando uma compreensão mais completa sobre determinados assuntos.

Desse momento introdutório vieram as primeiras contribuições discentes no Mural digital. Faremos a exposição de algumas falas:

O que mais me chamou atenção na entrevista foi quando ela falou sobre os livros que ela lia e a forma como ela normalizou aquela situação, onde pessoas negras nunca tinham protagonismo ou sequer apareciam nas histórias dos livros até ela ter um choque de cultura ao mudar-se para o Estados Unidos, onde a sua colega de quarto a via com pena. Isso mostra o quanto a nossa sociedade ainda carrega um posicionamento extremamente racista, pois assim como nós livros, nas mídias os negros também são retratados como pobres coitados ou marginais, nos lembrando de que todos os dias precisamos lutar pra reafirmar essa identidade tão digna quanto as outras, pois como a própria entrevistada falou “as histórias podem quebrar a dignidade de um povo. Mas as histórias também podem reparar essa dignidade quebrada.

Depoimento de Ester⁶

Quando não refletimos sobre o que escutamos, lemos, vimos podemos cometer grandes erros. As histórias podem ser contadas de diversas maneiras e cabe a nós termos o senso de questionar e refletir.

Depoimento de Tomás

Para nós, alcançamos o objetivo com a proposição da atividade. Afinal, de modo geral, os alunos se deram conta de como as narrativas sobre as coisas ou o conhecimento que a sociedade produz tem uma dimensão política, que inviabiliza a possibilidade dessas histórias e desses conhecimentos serem neutros.

O debate, travado nas reuniões com os alunos e alunas, se encaminhou para a análise do conhecimento escolar, especificamente os conteúdos programáticos das disciplinas cursadas ao longo do ano letivo, bem como as experiências vivenciadas dentro do COLUN-UFMA. Assim, chegou-se à conclusão que a implementação da Lei nº 10.639/03 coloca a necessidade da superação da epistemologia colonizadora, com implicações pedagógicas e curriculares, forçando escolas e instituições de ensino a avaliarem a dimensão curricular, marcos conceituais e paradigmas epistemológicos que

⁶ Os nomes dos depoentes são fictícios.



subsidiem seu fazer.

Além da compreensão da dimensão política da produção de narrativas, acreditamos, a partir do conteúdo do mural e dos relatos discentes nos encontros de estudos, que os alunos compreenderam como isso é marcado pelo racismo estrutural e que não há a possibilidade de superação das desigualdades étnico-raciais e enfrentamento ao racismo, cotidianamente vivido pela população negra, se não houver a construção de uma epistemologia antirracista, afro-referenciada a partir do contexto diaspórico, opondo-se à epistemologia racista que tem sido constatada na forma de falar do Outro – negro e negra- em sua forma de ser e estar no mundo.

Achei bastante interessante a discussão sobre como a realidade que nos cerca, incluindo a mídia e a cultura de entretenimento, dão maior visibilidade a culturas não-negras, negligenciando o protagonismo negro ou retratando personalidades negras de forma pejorativa, resultando na falta de representatividade e na perpetuação de estereótipos e do racismo. É perceptível, também, que essa ideia é propagada socialmente e usada como uma forma de manter o status quo, marcado pela dominação e pelo preconceito arraigado na sociedade, além de omitir a identidade e a dignidade da população negra, fazendo-se, portanto, necessário dar visibilidade à cultura, a personalidades e a histórias pertencentes a ela.

Depoimento de Samara

[...] não devemos ficar somente expostos às ondas de informações, devemos indagar e nos perguntar: "isso é realmente uma verdade?"; pois muitas são provenientes somente de uma perspectiva, e quase todas sendo eurocêntricas.

Depoimento de Jorge

Com o objetivo de ampliar as narrativas sobre as questões étnico-raciais que chegam até nossos alunos, propomos a discussão de um artigo de autoria da Profa. Nilma Lino Gomes (2005, s.p.), que trata de alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil.

Na concepção da autora, o debate sobre relações étnico-raciais no Brasil é permeado por uma diversidade de termos e conceitos que, muitas vezes, abordados por autores, intelectuais, ativistas com perspectivas teóricas e ideológicas diferentes, reforçam divergências e desentendimentos.

Consideramos que o Projeto Afrocientista tem como público alvo, uma geração de jovens negros e negras das periferias urbanas brasileiras, que tem acesso às informações dispostas em redes sociais, dinamizando novos diálogos e novas relações identitárias, nas quais as concepções de negros, raça, mestiçagem, etc, são problematizadas, estimulando novas categorias identitárias, a exemplo da concepção de



“colorismo”, como reinvenção das relações entre pessoas negras de diferentes tonalidades de pele. Seria de grande importância, para esses e essas estudantes, em processo de formação, não apenas tomar contato, mas dialogar sobre esses conceitos, na perspectiva de ampliar seus universos de compreensão sobre as diferentes teorizações e interpretações produzidas sobre as relações étnico-raciais no Brasil.

Após esse momento inicial, os alunos foram orientados a pesquisar sobre Elza Soares (1930-2022), sua história de vida, principais composições, contribuições à luta antirracista e outros. Com o tema “Mil nações moldaram minha cara, minha voz uso pra dizer o que se cala, o meu país é meu lugar de fala”, o Mural digital trouxe questionamentos, ponderações e percepções dos alunos e alunas sobre a potência chamada Elza Soares, com uma análise etnográfica de suas músicas.

Sua música discute sobre como a população negra é deixada à margem da sociedade devido ao racismo estrutural. Logo, em razão do sistema falho e preconceituoso, os negros são a maioria entre as vítimas de violência, em estado de pobreza, nos presídios e nos trabalhos informais e compulsórios. Além disso, discute acerca da contribuição negra para a formação e manutenção do Brasil, no sentido cultural, social, político e econômico, e como os feitos não são reconhecidos. Ela reflete sobre a ação do racismo na identidade do indivíduo ao mencionar que “E esse país vai deixando todo mundo preto e o cabelo esticado”. Ademais, faz um incentivo à luta por direitos, igualdade e reparação histórica.

Depoimento de Samara

Elza tratou de diferentes temas em suas músicas, fazendo de sua voz e de sua existência instrumentos na luta contra o racismo, como também ao machismo. Ela falou de violência policial, das desigualdades étnico-raciais e da violência doméstica, sempre de modo impositivo, bradando palavras de ordem e se posicionando de modo efetivo. Isso foi percebido pelos alunos e alunas do projeto, como fica claro no fragmento a seguir:

Em suas canções há uma crítica ao racismo e a "supervalorização" e objetificação dos negros no Carnaval, mais especificamente das mulheres. Através da letra das canções retrata a dificuldade que os negros enfrentam, pois "o que cai do céu é chuva" e todos os dias estes precisam lutar para conquistar o seu espaço e uma vida digna.

Depoimento de Ester

Outra crítica realizada é acerca das prisões injustas, baseadas, apenas, na etnia racial. Como exemplo, elas citam Vinicius Romão e Renan da Penha, onde ambos foram presos confundidos com traficantes e, simplesmente, por serem negros. Também é retratado a importância do funk para essa luta, pois a partir dele é possível descrever a vida dessas pessoas, bem como manifestar o seus direitos sociais. "Eu tive que rebolar pra não cair no esquema/ E, rebolando, eu aprendi a bagunçar o



sistema". Para além disso, é retratado as crenças afrodescendentes e a divergência social entre os moradores da Barra da Tijuca.

Depoimento de Andréia

Elza Soares apresenta as histórias das violências que viveu durante sua vida, narra como se defenderia caso seu marido levantasse a mão pra bater nela novamente, isso fica claro no verso: "...Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180 vou entregar teu nome e explicar meu endereço aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço e joga água fervendo se você se aventurar...". Sabe-se que Elza foi uma importante defensora das causas feministas, da resistência feminina, por isso, essa música se tornou um hino para o movimento feminista.

Depoimento de Tomás

Dando prosseguimento, fizemos a exibição do documentário AmarElo⁷: "é tudo pra ontem", protagonizado e narrado pelo rapper Emicida, que não apenas faz uma autobiografia como narra partes da história da negritude brasileira, destacando personagens importantes desse processo. No documentário, Emicida trata desde o processo de Abolição e suas contradições às consequências disso para a população negra na atualidade. Ele vai de um ponto ao outro da história, em idas e vindas, para ressaltar como o racismo estrutural violenta o corpo negro. Mas, não fica na denúncia, ele convoca que tomemos posse do espaço que é nosso, dos nossos direitos, a ponto de bradar na música "Amarelo":

"Aí, maloqueiro, aí, maloqueira
Levanta essa cabeça
Enxuga essas lágrimas, certo? (Você memo)
Respira fundo e volta pro ringue (vai)
Cê vai sair dessa prisão
Cê vai atrás desse diploma
Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?
Faz isso por nós
Faz essa por nós (vai)
Te vejo no pódio"

O documentário introduziu a discussão sobre a realidade brasileira, antecipando o estudo da obra "Rediscutindo a mestiçagem", de Kabengele Munanga (2008). A obra traz para o debate, as diferentes concepções sobre a mestiçagem, tanto na construção da identidade nacional brasileira, como em outras partes do mundo, constituídas a partir do processo colonial.

⁷ EMICIDA: **AmarElo** - É Tudo Pra Ontem [2019]. YouTube, 2019. Disponível em https://www.youtube.com/playlist?list=PL_N6VL1gm0aLlr0HQ6yl2IRXdSfuxMt-s Acesso em: 10/01/2022



Embora muitas dessas regiões tenham se desenvolvido por meio de um amplo pluralismo étnico-cultural e biológico, a definição das identidades permanecem orientadas sob o ponto de vista do colonialismo. No caso brasileiro, desde o final do processo escravista, a mestiçagem passa a ser um discurso sobre representação da identidade nacional. Entretanto, a permanência da ideia de mestiçagem, tem nos levado ao fortalecimento de hierarquizações valorativas, especialmente quando se pensa que as matrizes originais são classificadas em graus diferenciados de importância. Ou seja, na mestiçagem brasileira, as matrizes europeias são consideradas mais importantes que as indígenas e africanas. Enquanto alguns estudiosos trabalham a mestiçagem como uma das características importantes da identidade brasileira (Freyre, 1933, s.p.; Ribeiro, 1995, s.p.), outros (Nascimento, 1978; Munanga, 2008) consideram-na um ato de violência contra a mulher negra e, também, de apagamento das matrizes africanas e indígenas na formação da cultura brasileira.

Uma das alunas assim se posicionou quanto à obra:

Tal livro é de suma importância para entender o processo de mestiçagem no Brasil, que é bastante marcado pelo racismo, por políticas de branqueamento e higienistas e por um projeto utópico de chegar em uma “raça” originalmente brasileira e “pura”. Logo, o livro quebra os paradigmas da falsa “democracia racial” e discute sobre a formação do povo brasileiro na percepção de vários autores e sociólogos, mostrando, também, que a percepção ao longo do tempo sobre o processo em questão foi se modificando.

Depoimento de Samara

Nas reuniões de estudo, os alunos acionaram elementos, tanto da obra de Munanga quanto do documentário de Emicida, demonstrando uma compreensão mais apurada do racismo e de como ele se apresenta na realidade brasileira. Um deles assim se posicionou: “o simples fato de ter a pele escura no Brasil já é motivo suficiente para ser considerado bandido por quem detém a cor de pele branca”. Outro estudante complementa:

Dentre as discussões, o que mais me chamou atenção foi em relação ao termo “miscigenação”, que é utilizado no Brasil para mascarar a existência do racismo no país, e que os casos que são noticiados são provenientes do caráter daquele indivíduo, e não de uma estrutura social.

Depoimento de Jorge

Alguns alunos registraram como haviam mudado sua percepção sobre a população negra ao tomar conhecimento de sua contribuição para a sociedade brasileira:

Durante as reuniões do projeto afrocientista aprendemos sobre a história e personalidades negras importantes para os dias de hoje, debatemos sobre como é um povo que já sofreu muito, porém está conquistando o



seu lugar cada vez mais e podemos perceber a importância do povo negro para o crescimento da nação.

Depoimento de Sérgio

Um lindo e importante depoimento precisa ser citado:

Durante as reuniões pude aprender um pouco mais sobre o meu lugar nessa sociedade racista sendo eu, uma menina negra, pobre e vindo de um bairro periférico da cidade. Aprendi também termos e falas que muitas pessoas falam mas muitas sabem que esses termos são falas racistas, já que muitas dessas falas infelizmente já estão inseridas nessa sociedade.

Depoimento de Olga

Registramos essa fala para situar como o Projeto contribuiu com a afirmação da identidade negra desses alunos, que chegaram cheios de receios sobre como nomear o outro (moreno? escuro? pardo?) e, mais amadurecidos, reconhecem-se a si mesmos como pessoas negras.

Como um dos objetivos do Projeto é fomentar a iniciação às práticas da ciência, com instrumentalização sobre o fazer ciência, foram realizadas aulas sobre a interpretação e composição do texto científico.

A Profa Vitória Tinoco desenvolveu as atividades, direcionando para a qualificação dos alunos e alunas, com vistas à produção de texto científico, na perspectiva de composição da redação exigida no concurso vestibular como também para compreensão das leituras e produção do texto científico na vida acadêmica. Importa registrar, que essas atividades aconteceram pouco antes da realização do Exame Nacional do Ensino Médio-Enem, que foi aplicado em novembro de 2022.

Vale destacar, que o tema da redação do Enem 2022 foi: “Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil”. Por isso, acreditamos que a proposta de formação, alinhada aos temas abordados no Projeto, em muito contribuíram na preparação de nossos alunos e alunas para esse importante momento da vida escolar.

Outra temática abordada no projeto foram as questões de gênero, especificamente aquelas relacionadas à mulher negra. Com esse objetivo foi feita a exibição do filme "As filhas do vento", de Joel Zito Araújo, lançado em 2004, que conta a história de duas irmãs, os dramas decorrentes do encontro após 40 anos e os conflitos intergeracionais, permeados pelo racismo e pelo machismo. O filme conta com um grande número de atores e atrizes negros no elenco, tecendo críticas ao racismo.



"As filhas do vento" é um filme que aborda pautas importantes como a tendência do racismo a ser um limitador da ascensão do indivíduo negro - mas que pode ser superado, como a personagem Cida revela - além de romper, por meio dessa mesma personagem, com a típica representação da mulher negra como doméstica ou dona de casa, contribuindo para a representatividade.

Depoimento de Samara

Após assistirem o filme, os alunos participaram da oficina "Mulheres do vento: um olhar sobre a realidade das jovens meninas no enfrentamento ao racismo", com a Profa Iraneide Soares da Silva, da Universidade Estadual do Piauí, atualmente presidenta da ABPN. A partir do filme, a professora abordou as questões de gênero e a luta de mulheres negras no Brasil, o que foi complementado com o estudo de obras de Conceição Evaristo e Beatriz Nascimento na roda de conversa "Poética das mulheres da diáspora: o caminho em prosa e verso em Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, entre outras rotas Atlânticas". A Oficina foi realizada pela Profa. Lúcia Gato visando qualificar os alunos e alunas para a compreensão do texto literário produzido por autoras negras, bem como da representatividade dessas autoras no contexto da produção afrocentrada e do combate ao racismo.

Vale registrar fragmentos do Mural digital sobre a contribuição desses momentos na formação dos alunos e alunas.

A oficina de leitura com a Professora Lúcia Gato foi muito interessante e gerou diversas reflexões acerca de como a nossa escrita e outras formas de inserção em intervenções sociais podem ser importantes para jovens pretos expressarem suas ideias e se verem representados. Debatedos alguns fragmentos dos textos da Conceição Evaristo correlacionando com aquilo que vivenciamos em nossas rotinas e achei muito enriquecedor.

Depoimento de Ester

A artista Lúcia Gato, com muito carisma, nos mostrou como a literatura pode ser uma ferramenta de representatividade, como pode ser utilizada como voz além da fala, não só isso, a literatura pode ser um reflexo dos nossos profundos sentimentos... A oficina foi crucial para pensarmos mais profundamente sobre a literatura como ferramenta de expressão.

Depoimento de Tomás

Na roda de conversa que tivemos com a senhora Lúcia Gato tivemos a oportunidade debater com uma pessoa que realmente entende do assunto e foi extremamente produtivo para os meus conhecimentos sobre como afrocientista. Ela nos contou um pouco da sua vivência. E



foi um orgulho pra mim como uma menina estudante negra poder ver a mulher que ela se tornou e sendo ela uma inspiração.

Depoimento de Olga

Para fechar essa etapa, os alunos participaram da ação cultural “Caminho ancestral”, uma experiência de turismo afrocentrado, mediada por integrantes da ONG “Da Cor ao caso”. A ação exemplifica uma modalidade do turismo que tem como foco a cultura africana, visando a valorização do turismo cultural através dos patrimônios culturais e/ou imateriais da população negra. Trata-se de valorizar a cultura afro-brasileira, dando visibilidade aos atores dessa cultura, garantindo-lhes o lugar de fala que lhes é direito (Oliveira, 2021, s.p.).

Finalizada essa etapa de formação, os alunos e alunas foram estimulados a pensar formas de levar os debates para outros estudantes do COLUN-UFMA. Os estudantes se organizaram em duplas ou trios, a depender do perfil de cada um e do público ao qual cada atividade seria direcionada. Com isso, foram inseridos na discussão da programação do mês da consciência negra, realizada pela gestão da escola.

Foram exibidos os filmes "Pureza"⁸ e "Pantera negra"⁹, respectivamente para cinquenta e dois alunos do ensino fundamental e vinte e cinco do ensino médio, seguido de roda de conversa sobre os temas tratados nos filmes. Também aconteceram rodas de leitura com vinte e dois alunos do ensino fundamental. O livro escolhido pelos afrocientistas foi "O pequeno príncipe preto"¹⁰, de Rodrigo França.

Uma das atividades foi a exibição do filme "Pantera Negra" para os alunos do 5º Ano. Muitos se sentiram inspirados e/ou representados, comentando que aquele era o seu herói favorito ou que queriam ser como ele quando crescesse. Tais comentários só fundamentam o fato de que é necessário discutir acerca de personalidades negras no âmbito escolar, rompendo com o padrão histórico eurocêntrico.

Depoimento de Ester

⁸ Baseado na história real de Pureza Lopes Loyola, interpretada pela atriz Dira Paes. No filme, Pureza é uma mãe solo que mora com seu filho, Abel (Matheus Abreu), em uma pobre região do Maranhão. O jovem, em busca de melhores condições de trabalho, acaba sendo vítima da escravidão moderna. O filme, então, conta a história de luta e perseverança dessa mãe para encontrar o filho, ao tempo em que aborda questões sociais importantes como o trabalho escravo e desmatamento ilegal de florestas. Estreou nos cinemas em 2022 e está disponível na plataforma de streaming da Globo Play.

⁹ Com a morte do rei T'Chaka (John Kani), o príncipe T'Challa (Chadwick Boseman) retorna a Wakanda para a cerimônia de coroação. Mas, no retorno à terra natal, T'Challa enfrentará um antigo inimigo, que pode destruir Wakanda. O filme, lançado em 2018, ainda hoje impacta por conta da importância da representatividade e afirmação da identidade negra desse herói negro.

¹⁰ O livro infantojuvenil é uma agradável leitura, que estimula crianças negras a amarem suas características, respeitarem a ancestralidade africana e afirmarem sua identidade étnico-racial.



Obras de Conceição Evaristo foram apresentadas aos alunos, tanto por meio da leitura com alunos do 5º ano, quanto da declamação para um público maior, durante o intervalo das aulas. Quanto a esse momento, uma aluna assim registra: “foi uma experiência muito marcante pra mim, pois eu tive a oportunidade de compartilhar tudo que eu aprendi ao longo desses meses com outras "pessoinhas" em formação e o mais interessante foi essas mesmas crianças já tinham uma ideia/noção/base sobre o racismo e o lugar delas na sociedade...”

CONCLUSÃO

De modo geral, acreditamos que as ações realizadas ao longo do Projeto Afrocientista, tenham possibilitado o acesso a conhecimentos que levem os estudantes a analisar o racismo enquanto estrutura marcante das desigualdades na sociedade brasileira e a importância de acesso ao espaço acadêmico como enfrentamento e superação das desigualdades raciais.

Estamos, portanto, satisfeitos com o alcance dos objetivos do Projeto e sua importância no fortalecimento da identidade negra, projetando nos alunos uma crença na sua capacidade de superar desafios e alcançar suas metas, se constituindo em referência positiva em suas comunidades.

Finalizamos as atividades do Projeto em novembro, ainda na expectativa com os resultados dos processos seletivos que seis estudantes participaram, já que a sétima bolsista ainda está no 2º ano do Ensino Médio. Todos os alunos concorreram na modalidade cotas para estudantes negros, demonstrando que eles compreenderam a importância das políticas de ações afirmativas no acesso ao ensino superior, como um direito duramente conquistado e que merece ser usufruído. Além disso, foi inegável a contribuição do projeto na escola, ao trazer para o debate a necessidade de institucionalização das ações para implementação da Lei nº 10.639/2003, até então, realizadas de modo individual e esporádico, por professores e professoras comprometidos com a temática.

Do ponto de vista do Neab-UFMA, a participação no Projeto Afrocientista tem sido muito satisfatória e enriquecedora, pelas possibilidades de dialogar com estudantes da educação básica. Experiência que se fortalece com as atividades realizadas nas três edições do Projeto, contribuindo, não apenas com a formação qualificada dos bolsistas,



mas, principalmente, com a qualificação de integrantes do Núcleo para tratar com um universo diferente do habitual, ou seja, estudantes adolescentes, ávidos por conhecimentos e por novas oportunidades de realização e superação das desigualdades sociorraciais brasileiras. Uma juventude excluída, que ainda não pertence aos cursos acadêmicos, porém legitimam o Neab-UFMA como interlocutor importante na busca da educação, um caminho para superação pessoal e familiar.

O estímulo foi feito. Os diálogos estabelecidos. Resta aos profissionais da escola e aos integrantes do Neab-UFMA garantirem a continuidade dessa parceria. Os alunos e alunas negros e não-negros são beneficiados, ao vivenciarem o esforço institucional de oferecer uma educação afrocentrada e consolidando uma projeto político-pedagógico em que a educação para as relações étnico-raciais seja um compromisso firmado institucionalmente, portanto inserida no currículo da escolas, e não um debate pontual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABPN. AMAURO, Nicéa Quintino; BENITE, Anna M. Canavarro (Org.). Projeto Afrocientista. 2018.

ADICHIE, Chimamanda N. O perigo de uma única história. [2009]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA ITAQUI-BACANGA (ACIB). “*Memória do Itaquí Bacanga*”: espaço da memória. 2007. Disponível em: <<https://docslide.com.br/download/link/historia-da-area-itaqui-bacanga>> . Acessado em: 20 de dezembro de 2022.

ALMEIDA, S. L. de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRASIL. *Resolução CNE/CP nº 02/2015*. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, seção 1, n. 124, p. 8-12, 02 de julho de 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=136731-



rcp002-15-1&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192>. Acessado em: 20 de dezembro de 2022.

_____. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas da Promoção da Igualdade Social. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf>. Acessado em: 20 de dezembro de 2022.

_____. *Parecer CNE/CP 003/2004*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12746-cp-2004>>. Acessado em: 20 de dezembro de 2022.

_____. *Lei nº 10.639/2003*. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/LEIS/2003/L10.639.htm>>. Acessado em: 20 de dezembro de 2022.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. [et al.]. *A Lei nº 10.639/2003: pesquisas e debates / Wilma de Nazaré Baía Coelho ... [et al.] (organizadores)*. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014. – (Coleção Formação de professor & relações étnico-raciais).

DIAS, L. R. *Quantos passos já foram dados: A Questão de Raça nas Leis Educacionais - Da LDB de 1961 à Lei 10.639 de 2003*. In: ROMÃO, J. (Org.). *História da Educação do Negro e outras histórias*. – Distrito Federal: SECAD, 2005. p. 49-62.

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular”. In: Brandão, C.R. (Org.). *Pesquisa participante*, São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 42-62.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Sanzala*. Rio de Janeiro: SCHMIDT. 1933

GIANOTTI, J. A. *A Universidade em ritmo de barbárie*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017

_____; JESUS, R. E.. *As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa*. *Educar em Revista*, v. 47, p. 19-33, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/QFdpZntn6nBHWPXbmd4YNQf/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: 20 de dezembro de 2022

GROSGOUEL, R. *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, 2008, p. 115-147. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/697>>. Acessado em: 20 de dezembro de 2022

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro. Paz e terra. 1978.

OLIVEIRA, Nathália Araújo de. Afroempreendedorismo no turismo, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra. *Revista de Turismo Contemporâneo*. Natal, v. 9, n. 1, jan/abr.



2021, p. 42-63, Disponível em: <<https://doi.org/10.21680/2357-8211.2021v9n1ID22322>>. Acessado em: 20 de dezembro de 2022

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo . Brasiliense. 1994.

PEREIRA, A. A lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”. *Cadernos de História*, v. 12, n.7, 2º sem.2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.2237-8871.2011v12n17p25>>. ad em: 20 de dezembro de 2022

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In.: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, (Argentina), 2005.

RIBEIRO, D. *O Povo Brasileiro*. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1995

RIBEIRO, D. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, S.; SILVA, J. A. N. da. (2013). À luz da Lei 10.639/03, avanços e desafios: movimentos sociais negros, legislação educacional e experiências pedagógicas. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 5(11), 55–82.

Recebido em: 19/01/2023

Aprovado em: 15/03/2023